

# Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
**CARLOS MALHEIRO DIAS**  
DIRECTOR ARTISTICO:  
**FRANCISCO TEIXEIRA**

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
**J. J. DA SILVA GRAÇA**  
\*\*\*

Redacção, Admini-  
stração e Officinas de  
Composição e Im-  
pressão

Rua Formosa, 41- LISBOA



Assinatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	4\$800	réis
semestre.....	2\$400	
trimestre.....	1\$200	

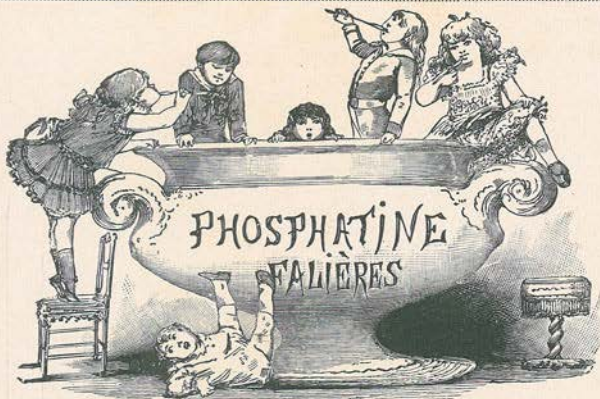
Assinatura conjuncta do "Seculo", "Supplemento Humoristico do Seculo" e da "Illustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	8\$000	réis
semestre.....	4\$000	
trimestre.....	2\$000	
mez (em Lisboa)	700	



Meio seculo de successo  
**ESTOMAGO**  
 O Elixir do Dr Mialhe  
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**  
 A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal e do Brazil  
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



**A Phosphatina Falières** é o alimento mais agradável e recomendado para as creanças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos. Impede a diarrhea tão frequente nas creanças. **Paris, 6, Avenue Victoria e em todas as Pharmacias e boas Merccearias.**

**Ourivasaria "CHRISTOFLE"**  
 Uma Só e Unica Qualidade  
**A Melhor**  
 Para obtela e tambem  o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peça.  
**EXIJA-SE esta Marca**

**Companhia do Papel do Prado**  
 Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
**Sóce em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Matia (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papeis aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos.*

**LISBOA—270, Rua da Princeza, 270**  
**PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51**  
 Endereços telegraphicos: **Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado**  
 Numero telephonicos: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

**UM LIVRO DE GRAÇA**  
 REVELAÇÃO DOS MYSTERIOS DO HYPNOTISMO E DO MAGNETISMO INDIVIDUAL

O New-York Institute of Science, de Rochester, N w-York, acaba de publicar um livro notavel sobre o Hypnotismo, o Magnetismo Individual e o Magnetismo applicado em Med'cina. Este livro é tratado mais x raor in rio e mai-espilicito que tem sido p'bleado, sobre este assunto, até nossos dias. A directoria resolveu, por um certo tempo, distribuir exemplares gratuitamente a todas as pessoas que se in eressem por estas sciencias maravilhosas, cujo resultado se deve aos esforços combinados de vinte especialistas. Dos mais conhecidos no universo. Póde-se, portanto, aprender em casa e gratis, os segredos do Hypnotismo e do Magnetismo individual.

**PHILOSOPHIA DA INFLUENCIA INDIVIDUAL**



OS SEGREDOS DO PODER. A SCIENCIA DA SAÚDE. OS MYSTERIOS DA VIDA DIVULGADOS. ROCHESTER, N. Y. U. S. A.

O Hypnotismo fortifica a memoria, e desenvolve uma voz forte de ferro, vence a timidez, renova a esperanca, estimula a ambição e a vontade de ser bem sucedido; elimina toda a confusão em si proprio, permitindo convencer os outros do nosso valor pessoal. O Hypnotismo é a chave que abre as portas do espirito, desenvolvendo os poderes mysticos e mysteriosos; permite fiscalizar o pensamento e as acções de toda e qualquer pessoa. Estando bem a par d'esta grande e mysteriosa sciencia, é facil sugeestionar o espirito de todos, para fatismos e proedermos em prazo fixo, seja n'apuelle dia, seja no espaço de um anno. Permite a cura de todos os vicios em si ou nos outros.  
 É somnia, excitação nervosa, melancolia, de go'os de negocios ou de familia, curam-se pelo Hypnotismo.

Com um rapido olhar, póde-se instantaneamente hypnotizar a si mesmo e os seus clientes são obrigadas a ob'ecer. Por este meo desenvolve-se maravilhosamente qualquer talento musical ou dramatico; póde-se existir a imitação de salarios, augmentos e a perpetuidade, e obtém-se divertimento e emocionantes e engraçados; consegue-se a anulação das pessoas que nos são caras; evitam-se influencias alheias; é necessario-se a prosperidade nas finanças; ganha-se estima e consideração.

O New-York Institute ga ante ensinar o segredo de attingir tudo isso. E a escola do Hypnotismo mais reputada do mundo inteiro. E' denominada pela 1.ª vez. Esta, a vez e dá cumprimento fiel a toda as suas promessas.  
 Recerá um exemplar gratuito d'este livro pela volta do correio, quem enviar somente o seu nome e endereço no um bilhete postal (relacionados do livro) ao New-York Institute of Science, Dept.º 1518, D. Rochester, New-York, U. S. A.

O porte das cartas para a America é de 30 réis. Os bilhetes postaes são de 20 réis.



# LILIPUT EM PARIS



—Fax favor dá-me lume

Corre hoje em dia em Paris uma phrase diabolicamente afigurica para o forasteiro.

—*Où vas-tu?*

—*Au Royaume, ma chère*—dizem ás vezes duas grisettes que se encontram no metrô da Etoile ou na Caladeuse de La Villette-Trocadero. Dentro da velha capital de França, exaustivamente republicana, sem uma esquina de muro official em que não haja a trilogia redemptora: LIBERTÉ, ÉGALITÉ, FRATERNITÉ, ha um estado autonomo, fóra da alçada de mr. Fallières e da mão vigilante de mr. Lepine. Está ahí encravado com os seus principes, a sua policia, a sua administração, as suas cocotes, como a republiqueta d'Andorra entre taludos departamentos. Não tem embaixadas pelo mundo, mas o seu nome anda pela historia e vae dar que falar á historia na rubrica rara dos Ciclos d'oiro: o Reino de Liliput.

Não é preciso ir á Agencia Coock. Sobese á Etoile, depois *Avenue de la Grande Armée* fóra, fóra, atravez das ricas garages, á sombra da montanha esplendida de Luna-Parck. A massa enorme do Bois dilata-se á esquerda, sussurrante das carruagens, d'um enxame tresmalhado de homens, de creanças, de bonnes, que jogam, fazem meia, se abraçam.

São leguas profundas que a multidão enche até Longchamp, ao Monte Valeriano, entre os suburbios Passey e Neuilly.

Um trem microscopico arrasta levadas de 30 a 40 pessoas para Liliput. A via não tem mais que dois palmos de largura e no fourgon o wattman avulta gigantesicamente, parece a cabeça d'uma hydra que vae atacar o Bois. A locomotiva apita, geme, atraz um bando de meninos que a perseguem como os calcanhares de Achilles perseguiam na Helade o cabrito selvagem, mas ella lá vae, escapa orgulhosa, desfilando com os seus toldos, e os seus passageiros, contra

o desfile das arvores.

Passam-se a pé as estufas com a sua luxuria ardente de serralho, os dromedarios nostalgicamente sequeiosos da sede das areias, cães que ladram ás saudades do luar das quintas, grandes lebres da Patagonia assentadas em extase, a evocar a historia das mães heroicas que morreram, de velhas, fóra das azagaiaes dos Pampas e do faro dos lebreus. Depois, para lá das phocas afogueadas na piscina fria, avista-se uma aldeia pequenina, repousando sob a *heure grise* de Paris, com os seus telhados vermelhos, as suas flechas normandas, o gallo gaulez cantando no pinaculo d'um campanario.

—*V'la le Royaume, ma chère!*

As guellas de bronze d'uma fanfarra despedem a *Viens Poupoule* para lá d'um arco, onde aticamente concisas, sem emblemas, nem bandeiras, na simplificação dos mundos felizes, letras vermelhas annunciam—*Royau-*

me de Liliput. Em volta ha uma muralha, fragil, mas feudal, quanto á investida de estrangeiros. Lá dentro no *hameau* é-se uma torre, é preciso amputar as nossas dimensões, adelgaçar a voz para falar aos liliputianos, reduzir as ideias do tamanho de nozes ao tamanho de avelas ou carços de cereja. Porque o *Royaume* é bem o livro de Jonathan Swift, os homens tem geralmente a altura de garrafas de Champagne e os poney's não são mais avultados que os carneiros merinos da nossa terra. De corpanzil encolhido, lunetas d'aumento, fala miuda é que se entra ali como no palacio dos rajah's se entra a mascar bethel.

A vida lá dentro é uma miniatura da vida cá de fóra. Ha lá a cocarda do cocheiro, o sabre da policia, o pó d'arroz, e essa subtil sciencia dos governos que sabe converter cada gesto, cada necessidade d'um cidadão n'uma formula bancaria. No *Royaume* semeia-se dinheiro para todas as bandas, como aquelle que nasce, entre nós, o tem de semear para nascer, para dormir, para morrer. Quem penetra em Liliput cae sob a garra liliputiana e ella não é reduzida, não é proporcional ao mundo de lá de dentro.

A aldeia scintilla ao sol, é o mundo formigando na palma da mão, visto na garrafa magica de Cagliostro. Alinhadas a cordel, as casas não tem mais que tres metros d'altura e tem balcões para serenatas, janellas, goteiras, familias completas, distribuidas desde a lide domestica á sêsta morna em fôfos coxins. Em geral, os liliputianos passam enlevadamente o tempo, contemplando-nos. Além d'isso bebem no extase como nós bebemos n'agua e nada os interrompe, nem a consciencia nem o patrão de fabrica. São felizes!

Deus, grande Deus, porque não fizeste o nosso mundo mais liliputiano ainda e não nos dêste um *hameau* nos teus Campos Elyseos?! Da nossa pequenez, da nossa miseria, dos nossos risos e beijos poderias ter feito o espectáculo da tua cõrte altíssima; seria isto o enlevo teu e a beatitude nossa!

Seríamos obedientes á tua divina graça sem precisão do Decalogo, nem de Voltaire, nem da philosophia. Amariamos, dariamos cambalhotas, e o raio visual da tua grandeza não toparia Eva a engulir a maçã nem Caim a matar Abel.

A beatitude mais invejavel embalava o reino e nos palacetes normandos os habitantes riam, occupavam-se em engenhosas palestras sobre arte, litteratura e a causa publica, namoravam-se sob

a benção terna do sol.

Para que as classes se distinguissem brandamente, alguns eram

cocheiros de praça e iam passando vagarosamente com o seu fiacre, outros eram bombeiros, outros ainda vendiam bugigangas, bilhetes postaes e a pomada de sapatos da gente cá d'este mundo.

Eu atravessei o estado, cortejando as damas, cavaqueando com os cavalheiros, entretendo-nos n'uma mutua curiosidade. Elles eram, geralmente, oriundos do norte, raça saida e conservada a pipos de cerveja, ou crystallisação das lendas do Rheno, onde de rondas dos annos desfilam na fimbria da nevoa e sob a chuva do luar. As damas eram quasi todas inglezas, graves, metallisadas, e vendiam *spleen*. Mas tambem vi liliputianos russos e italianos e tive a honra de trocar o meu cartão de visita com o barão Ernesto Magri, de Ravena, que me citou Dante a proposito de Ferrer e me referiu passos da sua vida, complexa e aventureosa como uma pedra do Aventino.

Saudiei a *mairie* alta, direita, acima da doçura vermelha dos tectos. Ali perto ficava o posto da policia, onde um façanhudo *flic* de um metro d'altura velava forte e sereno. E fatalmente, ao lado do sabre, a um grito de distancia da *mairie*, lá estava o *Chateau Royal* de Liliput, pintado a ocre e encarnado,

coberto de emblemas, escondendo preciosas cortinas do Oriente. O principe, proximo da varanda, fumava, n'uma profunda melancolia indiana, um *marzlan* immenso para



1—O principe real de Liliput  
2—A caminbo de Paris





1—Partida de bilhar de sua alteza—

2—As actrices de Liliput passeiam!—

os seus 0",85, exactos, d'altura. Ao fundo havia almofadas, um aparato metucoso de rajah, onde só faltavam as bailadeiras, as çaçoletas a fumegarem incenso, e naíres de espada curva a segurarem uma escaradeira de agatha fina. O príncipe repousava dos seus trabalhos no trapezio, na corda bamba...

Sobre a areia doirada do largo, carruagens liliputianas



passejavam gossos burguezes do nosso mundo. Sob o chicote, os cavallinos arrancavam ás upas. De tempos a tempos, em berlindas d'eixos doiraços, liteiras á Pompadour, meninas liliputianas mostravam-se cheias de graça, lindamente chiffonnées, esbeltas como as estatuetas de Gerôme. Os tambores retumbavam em frente do theatro. Era Liliput ha um *Cirque Hippodrome Music-hall*, um theatro de magica e operetta. E' a eterna festa. As lojas de negocio succediam-se em circulo, *epicerics*, confeitarias, mercearias, cantinas, e um figaro allemão de bom ventre inchado de receitas e elixires. E entre toda esta metropole moderna, esta cidade, que é um riso dos deuses, uma parodia sensata ás cidades, tambem havia a sua igreja, com a sua torre alanceando o céu, com nichos, mysteriosa, onde só faltava um cura a mascar o Kirie sobre o branco cordeiro de Deus. O gallo lá do bava no ceu, o gallo que cantou tres vezes a Pedro, symbolo da volubilidade humana, atrando a sua canção álerta, ao septentrião, ao levante, ao sul.

A cidade era completa, perfeita, sem mendigos, nem deputados, nem jornalistas, po-

voadas de pequeninos senhores asoando-se, ao sol, a lenços grandes, e pares felizes recapitulando, n'um deambulio pacato, os seus primeiros amôres decorridos n'uma caixa de pó de arroz sobre um tilitante minuete de Mozart. Só a i era importuna, ignobil, a nossa presença tamanha, a gentil silhueta das parisienses alta, tão alta que, para que elles lhes chegassem aos beijos, seria precisa uma torre de Babel em Liliput, os liliputianos encaranguejados uns nos outros como as pyramides humanas que se vêem nas estampas dos diluuios.

Um liliputiano taludo berrava no palanque alto do circo:

— E' entrar! as danças tyrolezas por tyrolezes de 70 centímetros; o príncipe real no trapezio.

Palhaços, grandes como *mariionnettes*, de nariz borrado de vermelho e testa caída, cabriolavam em volta. Curvei-me no peristilo do circo para entrar. Lá dentro, acima do amphitheatro, um musico de Paris tocava no piano a *Petite bretonne*, terrível, vultadamente americana. Os *ponneys*, pequeninos como cordeiros de mama, dançaram, pularam, ergueram-se a pino, deitaram-se para pedestal do artista que não era mais alto que a minha bengala. Depois as danças tyrolezas foram batidas no ring por dois montanhezes de 18 e 30 annos, engraçadamente cantantes, passarinhantes, cristalinas como duas notas agudas d'um cravo. E emfim o príncipe Smaun de British Burma surgiu na barra de metal fino, bron-



1—Depois da missa dominical  
2—A ordem em Lilipat

zadamente indiano, rigidamente inglez. O seu trabalho nas argolas foi academico, agil, saltos de pulga e musculos de formiga. Gravemente elle dobrou a cabeça aos applausos das bancadas, depois de projectar o lenço, a que limpava as mãos, por baixo da perna como qualquer Sommac-Vea. E para remate, um lorpa cá dos nossos elevou-o na palma da mão, apresentou ao publico embasbacado aquella maravilha de Deus, preciosa filigrana de primata.

Cá fora eu abordei o príncipe com um joelho em terra e a fala respeitosa. Elle balbuciava o francez, mal, imperceptivelmente como o fio d'uma polexa, mas uma miss acorreu, transmittiu as tremuras dos meus labios em bom idioma inglez aos ouvidos reaes:

— Vossa alteza gosta de Paris?

— Muito. Sobretudo das parisienses e dos *gateaux Baba*.

— Perdão, é casa-do?





— Vou casar muito brevemente.

— Ah! ah! E' um grande artista.

Elle apresentou-me os musculos onde encontrei nervos de prata e guita grossa.

— Uma questão melindrosa: deve ser invejavel o seu salario constitucional... acrobatico...

O principe calou a minha indiscreção com uma phrase discreta. Nunca se sabe quanto os principes ganham... nem é bonito perguntar-lhes, como não se pergunta ás mulheres que idade ellas teem.

vez?... Paga como *costume pour home*?

Elle não sabia, importava-se lá do seu orçamento domestico!...

Como eu era um escrevedor de chronicas o principe puxou da sua *carte de visite*, entregou-m'a de canto dobrado:

SMAUN SING HPOO

*British Burma*



—«Cocher: Avenue des Acacias»

— Vossa alteza veste agora em Paris... na *Belle Jardinière* tal-

Humildemente eu retribui com o meu cartão grande como a pasta d'um

seu ministro e para a vida e para a morte. Em seguida despediu-me com um aperto de mão, cumprimentando para os reis da christandade.

Cá fóra uma parisiense muito do *Royaume* contou-me, eu digo o que me contou:

«A' hora crepuscular, quando as lanternas flamejam através das arvores do *Bois*, damas do *grand-mond* vinham pela calada como n'uma escalada romantica, até sob o grande arco onde a designação succinta de *Royaume de Liliput* conta a historia singela das felicidades. E d'alí levavam o principe amarfanhado nas sedas para os seus *boudoirs*, *mignon* como o ron-ron d'um gato álerta e temível como as coisas temíveis. Ao outro dia elle regressava o reino, almiscarado, mastigando mais profunda e mysteriosamente a sua melancolia de indio.»

D'alí fui bater á porta do sr. Nicol Gerson, o director, ou mais propriamente o primeiro ministro d'aquelle reino constitucional, tão constitucional como o throno dos bons reis *faineants*, dos tempos



recuados dos *senescheaux* e *prudhommes*. Gerson estava no Hippodromo ao pé d'um rancho de artistas inglezas lindas, pintadas, á moda, como de qualquer theatro do *Boulevard*. Não eram maiores que garrafas de litro e eram graciosas como *biscuits* de Sévres, mas tinham um ar petulante, um ar cocotte, que me causou calafrios.

Eu cantei um hymno ao sr. Gerson e desfechei a pergunta:

— Que impressão terão elles d'esta gente taluda que por aqui anda? Devem ter idéas bem drolaticas?...

— Não, olham isso com indiferença.

— Sim?

— Só não gostam que os fitem persistentemente,



1—Flirt ao balcão! 2—Fanfarrá dos Liliputianos!



os contemplem como os elephantes ou o avestruz ali do lado.

—E' boa.

—Cria, pensa e reflectem como nós. Ha ali uma anásita que escreve para o theatro.

—?

—E' o que lhe digo. Muito intelligentes e finos acima de tudo. Veja como vestem bem.

—Estas artistassitas que aqui estão teem o seu ordenado?

—Certamente, como de resto todos os liliputianos. Dez, quinze, vinte francos por dia, é conforme. Olhe, o principe ganha nada menos de 3.000 francos mensaes. Não é mau, hein?

—Admiravel. E ouça, sr. Gerson, elles amam como nós? Ha tambem entre elles peccadoras?

em todos os officios, do cocheiro ao magnate. E não se revoltavam contra o principe que nas horas vagas, para distracção dos forasteiros, fazia corda bamba.

Elles só se viam a braços com a questão amorosa. Amavam os entes do outro mundo, como Orosian, Santa Thereza e como o conde de Monteskieu.

Uma Eva pequenina tinha tambem entre elles devorado uma maçã pequenina. Mas ignoravam a questão social, ricos todos, burgomestres vindos da Allemanha, tamborileiros, barões, floristas, figuras ventrudos, uma vidente, policcias, maires. E não se preocupavam com sciencias economicas, que á noite, em casa, me levaram a deitar as contas á minha viagem ao *Royaume de Lilliput*:



O reino todo n'uma só careuagem

(Clichés de CH. DELIUS)

—Se amam... Eu lhe digo aqui muito á puridade, teem mesmo o seu fraco pela gente grande. *Beguns* ás vezes...

—*Beguns*?

—Aqui ha tempos uma apaixonou-se por um senhor de melenas que vinha para aqui fazer pintura. Um dia se não lhe acodem afogava-se na tina do banho. Então que pensava?

A minha philosophia ficou a pingar mollemente. Os liliputianos ganhavam honradamente a sua vida, não conheciam a questão social, nem liam Hervé nem o Conde de Mun. Teriam a questão religiosa? Não lhes perguntei, mas a cathedral dormia o somno innocente das ermidas brancas das aldeias. Labutavam todos n'um afan um pouco bisantino, mas

Metropolitano (ida).....	0,25
Linha de Lilliput.....	0,20
Ticket para o jardim.....	1,
Ticket para o reino.....	0,50
Bilhete do circo.....	0,25
Bilhete do hippodromo.....	0,25
Despezas varias.....	2,50
Metro (volta).....	0,25

5,20

Duplicando por causa de René Boivin, que foi o meu cicerone delectavel, gastei eu em Lilliput vinte e um tostão. Mas eu observei o mundo por um oculo ás avessas!

A. R.





**A VIAGEM DO CHEFE DO ESTADO  
· ÀS · CÔRTE · DE ·  
HESPAÑA · E · DE · INGLATERRA**

Partiu no domingo, ás 4 horas da tarde, para Madrid, acompanhado dos srs. ministro dos estrangeiros, conselheiro Carlos Roma do Boca-ge, conde de Sabugosa, mordomo-mór da casa real, marquez do Fayal, camarista, D. Fernando de Serpa, ajudante de campo, visconde de Asseca, official ás ordens e marquez do Lavradio, secretario particular, S. M. el-rei D. Manuel. Acompanhava ainda a comitiva real, como secretario do sr. ministro dos negocios estrangeiros, o 1.º secretario de legação sr. Antonio Bandeira, que fôra chamado da Haya, onde estava

servindo, para exercer esta missão especial.

Sahe pela primeira vez dos seus estados o soberano portuguez, e como da praxe a sua

primeira visita é para a nação vizinha, cujo monarcha, antecipando-se ás ordenações da pragmatica, visitára no mez de março, em Villa Viçosa, o sr. D. Manuel.

A recepção que a côrte de Madrid acaba de fazer ao rei de Portugal, e as manifestações de sympathia que lhe dispensou a população da capital de Hespanha são testemunhos da cordealidade de relações que existem entre os dois povos da peninsula.



1—Eduardo VII, rei de Inglaterra.  
2—O mais recente retrato de el-rei D. Manuel: O Rei de Portugal no seu gabinete de trabalho.  
3—Alfonso XIII rei de Hespanha. 4—S. M. a Rainha D. Amélia e El-Rei D. Manuel no palacio da Pena  
(Clichés de BENOISTE.)





1—Marquez do Fayal, camarista. (Cliché de WALTER BARNETT) 2—Conde de Sabugosa, mordomo-mór da Casa Real 3—Marquez do Lavradio, secretario d'El-Rei (Clichés de BOBONE)  
 4—El-Rei D. Manuel na intimidade. (Cliché de BESOLLE) 5—Visconde de Asseca, official ás ordens. 6—D. Fernando de Serpa, ajudante de campo.  
 7—D. Thomaz de Mello Breyner, medico (Clichés de VASQUES)

Na estação do Norte, aonde o comboio real chegou às onze e meia da manhã do dia 8, aguardavam o soberano português o rei Afonso XIII, que vestia o uniforme de coronel honorário do regimento português de infantaria 10, o infante D. Fernando, o ministro, os presidentes do senado e do congresso e mais elemento official. Depois das apresentações e da revista à guarda de honra, o cortejo, seguido pelo ap-



1—Conselheiro Carlos Roma do Bocage, mini tro dos negocios estrangeiros. 2—Antonio Bandeira, 1.º secretario de legação, servindo de secretario do ministro dos estrangeiros (Cliché de VASQUES)

3—El-Rei D. Manuel na varanda do seu gabinete de trabalho, no castello da Pena (Cliché de REPOULLE)

4—O gabinete de trabalho d'El-Rei D. Manuel no castello da Pena.

paratos esquadrão da escolta real, tomou o caminho do palacio do Oriente, chegando ali ao meio-dia, entrando pela praça d'armas, onde estava formado o regimento das Asturias. No patamar dos Leões esperavam el-rei D. Manuel as duas Rainhas, as infantas D. Thereza, D. Izabel e D. Luiza com as suas damas, tendo assistido incognita à cerimonia a senhora condessa de Paris, avó materna d'El-Rei. Feitas as apresentações das comitivas, os dois soberanos assistiram de uma varanda do palacio ao destilar das tropas, depois do que foi servido o almoço. Limitando-se hoje a publicar os primeiros clichés que lhe enviou o seu redactor photographico, referentes á chegada a Madrid, a *Illustração Portuguesa* dará no seu proximo numero uma vasta reportagem abrangendo todas as festas officiaes offercidas a el-rei D. Manuel.







1—El-Rei D. Manuel agradecendo as manifestações  
2—O rei de Portugal conversando com o capitão general Villa-Villate na estação do Norte



El-Rei D. Manuel e D. Afonso XIII assistindo ao desfile da guarda de honra em frente á estação do camiuho de ferro





1 e 2—Aspectos da escolta real a caminho do palacio do Oriente.  
3—A cerimonia do render da guarda no palacio do Oriente.



1—O povo, na praça da Oriente, aguardando a chegada do cortejo  
2—Os soberanos assistindo ao desfile das tropas de uma varanda do palácio do Oriente





# O RISO

## DA LAGRIMA AO SORRISO

É o riso um dos mais indiscretos reveladores da nossa alma.

Darwin, attentando no sorriso perplexo do observador que procura indagar se na machina animal não haverá uma estreita conformidade entre a produção de certos sentimentos e o movimento de determinados musculos, estuda o assumpto e estabelece os principios que lhe parecem explicar a maior parte das expressões e dos gestos do homem ou dos animaes sob o império das diversas emoções.

Pelo principio da acção do systema nervoso, na tristeza e no abatimento, os membros descahem ao longo do corpo e os profundos traços do rosto, onde declina e se esbate um sorriso fatigado de amargura e desalento, parecem soffrir a acção do peso, como se no organismo não houvesse uma força sufficiente para os manter na sua posição normal.

Na alegria, ao contrario, o schema bem conhecido indica-nos claramente como todos estes membros e todos estes traços se aligeiram e levantam.

Bordier, referindo-se a esta influencia de conexão das cellulas nervosas, diz que o eretismo cellular das circumvoluções em que se elabora o pensamento se propaga aos centros motores visinhos, traduzindo-se ali por movimentos e gestos, ao mesmo tempo que aqui se traduz por certos pensamentos correspondentes.

Mas, digamos antes, como Camilo, que «rir é contrahir-se o diaphragma e os musculos faciaes.»

No seu admiravel culto esthetico, na sua fanática religião da Belleza, a Grecia julgou mais formosa a expressão radiosa dos olhos que a alegria inunda de limpida claridade, do que o olhar embacitado pela lagrima, que avermelha a palpebra e requeima a face. Contudo, nem a graça velada do sorriso que mal descerra uns labios escarlates, nem a belleza do riso deslumbante que põe a descoberto a feira nevada de uns dentes certinhos, nem a sonoridade da gargalhada crystalina que irrompe incantida da frescura palpitante de uma linda bocca, conseguiram inspirar



os grandes raptos do lyrisimo, como a lagrima que fulgura na curva de uns cilios, que se desprende como uma perola ephemera de uns olhos que se toldam, ou estremece e hesita ao canto da palpebra, que baixa lentamente sobre o olhar dolorido.

Como se, afinal, do sorriso ao riso e do riso á lagrima, a distancia não fosse tantas vezes a mesma... Nem sempre ha alegrias em uma bocca que ri, como nem sempre a dôr está n'uns olhos que cho-

ram.

Na pequenina lagrima, translucida e silenciosa, pode abrigar-se um mundo ridente de venturas, como pôde no riso, que retine estrepitoso, passar o echo da magua que mal cabe na immensidade de uma alma.

Inconscientemente, o riso exprime o sentimento, define a idéa, completa a palavra, dá côr á expressão e expressão ao gesto.

É mais enigmatico o sorriso que adeja á flôr dos labios, do que o riso que em uma extensa gamma de estranhas tonalidades rasga uma bocca de par em par.

Ousadamente, o riso avança quando a palavra estaca; irrepriavel diz o que a phrase desmente, e revela, com eloquencia, aquillo que o silencio abafa.

O poeta esqueceu por certo o sorriso para só pensar na palavra, quando escreveu:

Eu antes quero  
Muda expressão:  
Os labios mentem,  
Os olhos não.

Não teria elle nunca encontrado a verdade na contracção da bocca sorridente, e não descobriria jámais a sombra da mentira na expressão illuminada de uns olhos que rissem?

E foi este o mais popular poeta da Arcadia, o maior poeta humoristico de Portugal.

Nenhum outro teve como elle o segredo do riso, nenhum conseguiu com tamanha felicidade



A expressão multiforme do riso.

transformar n'um sorriso a prega angustiada de um rosto atormentado, o seu perpetuo rictus de amargura, a seriedade rigida e inalteravel dos labios que não sabem rir.

Faiscando espirito na agudeza do dito, chispando graça na facilidade da replica, irradiando alegria na despreocupação da phrase desassombrada, Bocage passava como gargalhada incontinida ao som do riso que o seu genio accendia em todas as boccas. E, comtudo, nunca o poeta se deu ao trabalho de notar a sinceridade do riso

ruborizando ou empallidecendo á face, desanuveando ou entenebrecendo a frente.

Tenue, subtil e levesinho como um floco de espuma a oscular a onda, beijar o pensamento á tona do sorriso os labios por onde passa.

Tem encantos e tem promessas o riso que se espraia pelo rosto, como uma onda alacre que deixa covinhas na face; tem despeitos e desesperos o riso amarello, que escuta impotente a verdade que fere ou a insidia envolvente, e tem mysterios e ameaças o fino sorriso dubio, que nenhum observador apprehende e nenhuma percepção abrange.

#### DA GRECIA RIDENTE AO SORRISO DE MAYA

N'um dado momen-

to, pôde a magua que se dilue em pranto alindar um rosto, mas maior belleza é sempre aquella que dá a alegria, quando se volatilisa do golpe sangrento e fresco de uma bocca, no deslumbroso escarlate e oiro do sorriso.

Se n'uns labios queridos é expressão o sorriso desejado que nos aquece a alma, na arte elle é a propria alma que anima o marmore e illumina a tela.

No divino tempo de Pericles, a arte diffunde-se pela Grecia em um soberano sorriso envolvente que adeja em silencio pelos bosques de Apollo, que perpassa em fremitos pelo jardim de Acadmos, que incendeia a alvura do marmore de Paros, que se evola das gorjas em effluvios de nardo e violeta, e vae mais tarde reflectir-se ainda em reverberos metallicos nas folhas de oiro e prata, que nos grandes festins circumdam as augustas cabeças dos imperadores romanos.

Mas não é só o amor da Arte, nem a adoração do Bello, nem a lascivia a referver nos labios entreabertos da ondulante bailadeira, que regula o passo pela cadencia das flautas dos auletridas, nem o sussurro das galfofas dyonisiacas, que encanta e diverte os gregos.

Elles riram porque o feio Thersito injuriava os reis com seu riso insolente; porque elle insultava Agamemnon, e o sceptro de Ulysses lhe sellava por momentos os labios, e até por que Achilles, escarncido nas suas maguas, o fazia para sempre emudecer n'um gesto violento e severo do seu bronzeo punho.

Desassombrado e claro, foi realmente o riso antes da era christã.

O severo e justo Aristarcho, e Zoilo, mesquinho e invejoso, cruzam, á distancia de quasi dois seculos,



O sorriso dos amantes

errante nos labios que mentem, e a perdidia do riso falso inundando de luz a muda expressão dos olhos que não mentem...

Pode o riso enganar os que o vêem, mas mentir não mente; disfarçado ou natural, quando paira em uns labios, nasce da visão intima da verdade.

E' a faísca do sentimento que incendeia de risos a purpura de uma bocca,



um franco sorriso de desafio. Menandro, desconfiado na sua hilaridade, não dá sequer por que Philemon, com as suas engraçadas cabalas, lhe vae roubando os loiros, nem vê Terencio, que o imita com

um ar da sua graça aristocratica. Plauto, descendo á chalaça grosseira, a fim de melhor divertir o povo, não tem a preconcepção de que a sua gargalhada ha de ir um dia chocar Horacio.

Com seu riso lascivo



burlesca que, inspirando Rabelais e Swift, projecta um pallido sorriso em Gargantua e Gulliver.

Não foram contudo só estes dois que se inspiraram na obra do celebre sophista. Durante a Renascença varios escriptores procuraram imitar-lhe a feição burlesca, fazendo em latim o elogio das coisas que o não mereciam.

Montaigne tem um eterno sorriso inalteravel para affirmar aquillo que nega e para negar aquillo que affirma.

Butler morre miseravel e esquecido, enquanto Carlos II ri com as aventuras de Hudibras e do grotesco

de cyrenaico, Aristippo, o philosopho que divinisa a fôrma, inconscientemente não desdenha o espirito quando extactico contempla e escuta a divina Laïs, que traz os corynthios presos de um sorriso dos seus. E Epicarmo, com a alavanca do ridiculo, derruba os altares e abate os idolos, escarnecendo as proprias divin-

Ralph.

A doida ale á esplendida exclamar aponção ali dentro quatro.»

Ao lado de panheiros Collécenciosas e canrir. Beaumar espirito que faz do seculo XVIII, lamento de Mazzarras persona *Casamento* febril da ras da Revolu

O riso chamfo fazem temer do muitos labios.

La Harpe tenta inutilmente inocular no proprio sangue que lhe corre nas veias,

gria de Piron raro anda alliada *verde* petulante, que o levava a tanto a Academia Franca: «Esquarenta que tem espirito como

Piron, os seus inseparaveis com-e Panard escrevem comedias lições alegres, levando a vida a chais, n'um rasgo de talento e a admiração do ultimo periodo entrega ao riso da Europa o parpeou, e dá-nos logo depois as bigens do *Barbeiro de Sevilha* e o *Figaro*, a comedia da epoca, a sociedade franca na vespeção.

rtiano, d'aquelles que mais se que amar, anda perdido em



dades populares, para fazer rir as multitudes que não protestam. Depois o riso, o mesmo sempre na assencia, mas adaptavel aos labios que o riem, vae tomando aspectos mais complicados. E em uma satyra picante, o alegre e cynico Menippo impõe e expõe á troça os maiores poetas. Luciano escreve a *Historia verdadeira*, e a cada chasco da sua critica illumina o historiador que vae derrubar. E' esta epopeia



1—Os sorrisos para o publico. 2—O sorriso da bailarina.  
2—*Jogo das prendas*: Está na berlinda porque se está a rir...  
(Quadro de Kock)

friamente, a gargalhada incandescente de Voltaire.

Cabet phantasia o maravilhoso paiz da felicidade e escreve a suggestiva *Viagem na Icaria*; convence meia duzia de ingenuos que se despojam dos seus bens em favor da comunidade e parte para terras do Texas com este divertido grupo de *icaros*, que em tal aventura irrisoria não sentem afinal muita vontade de rir.

Effectivamente a felicidade entretem-se a jogar commosco as escondidas, cantando aos nossos ouvidos as suas risadas crystallinas sem se deixar vêr nem apanhar. Occulta em recondito surge como uma illuminura bi a nossa phantasia a procuralaphrases; se mostra desvelado o no, é nas aguas vivas de Damas nuvem nacarada desaparece aos se apresenta a silhueta de Maya, a vamos achar, jogando sempre condidas, ora desaparecendo bambus que se agitam n'um ruído menor sopro do seu halito perfu bruçada á beira dos lagos sagra tartarugas douradas sorriem aos xos avermelhados de ouro inPassando agora ligeira nos jardenia, por entre as flores côres ardentes, fugindo aos das borboletas de velludo, sorriso não queima; para lo pequeno templo pagão, a tro das urnas de ses que, ao sentil-a, palpitam na sua appa-



paraíso, se nos blica, cança-se no valle do Eupherfil musulmaco que em uma nossos olhos; éem Ceylão que commosco as espor entre os de alegria amado, ora dedos, onde as vê-a, em reflectescente. dins da Parambriagantes de beijos macios que a luz do seu go penetrar no espreatir den-cristal, os deusa-

sencia o idolo de toda a humanidade que, esconde nos labios o sorriso amargo das desillusões.

Esta é a *Ilha da Voluptuosidade* de Myriam Harry, o paraíso onde a Felicidade é um idolo que nos sorri piedosamente, emergindo talhada em sensível pedra da corola marmo-

rente indiferença; etherisando-se por fim aos nossos olhos, por entre as jovens tanagras que, cingidas na musselina cõr de rosa das suas finas tunicas, em

volta d'ella não espalhando petalas de flores, e derramando incensos. Eil-a então que toma seu verdadeiro corpo e fórma para realizar em espirito aquillo que realmente é: Maya, a Rainha Illusão, o idolo do antigo Cingallah, na sua es-



1—O sorriso estuado. 2—O sorriso de Marie Lafargue.  
3—Entre dois fogos: Um sorriso perdido... (Quadro de Kock)

rea de um nenuphar.

Vamos, pois, rindo com o riso dos outros, indistinctamente. Com o subtil dicerio do philosopho, com a rima alegre do poeta, com o palavreado gaio e petulante do prosador; com o dito arguto e substancioso do orador, com a facecia do palrador, com o *humour* do inglez, com os esgares e monices da feição truanesca da sociedade.

Que importa que o riso que nos faz rir seja falso ou verdadeiro, se a lagrima não



transparece e o egoísmo humano a não adivinha?

### RISOS QUE FICARAM E RISOS QUE PASSARAM

Uma grande obra ou a dominante de um caracter, o caracter de uma época ou a synthese de uma vida, melhor ainda do que a palavra, pode o riso definir, o echo perpetuar e o tempo immortalisar.

Assim, ainda hoje chegam aos nossos ouvidos, as ondulações de riso tónico e desdenhoso com que Aristophanes definiu e apontou os homens e os vicios do seu tempo; da



Mesquinho foi o riso vingativo e despeitado de Juvenal, como insensato e bondoso foi o de Aretino, que de si fez rir querendo rir dos outros, e como estranho foi o chasquear truanesco de Sterne, que se expunha ao riso para rir d'aquelles que divertia.

Melhor que o estylo o riso define uma individualidade, e todo o homem se descreve então n'um traço apenas.

D'esta fórma passam ante nós, como phantasmas de um côro hilariante, em disonancias de além-tumulo: Charron a demolir o riso em esgaras de scepticismo, e Gil Vicente a



1—O sorriso amigo. 2—O riso classico;

Na jogo do disco (Quadro de Vassari)

gargalhada colossal com que Democrito saudou as loucuras da triste humanidade, perdida de riso quando Heiaclito teve a loucura de a chorar; do fino riso scintillante que Erasmo dardejou em soberbos clarões de espirito pelo seculo XVI, simultaneamente com o gargallar heretico e grosseiro de Luthero e a risada zombeteira e superior de Rabelais.

Mas eis que um riso impio, esplendido e dominador, atroa o seculo XVIII e abafa todos os demais risos, para triumphar, potente e impenitente, incontestado e illimitado, nos delgados labios de Voltaire.

E' certo porém, que os homens nem sempre souberam rir.

edifical-o com suas farças jocosas; Molière, indulgente, a sublinhar ridiculos em convulsões de riso; Scarron, que ri a bandeiras despregadas; Tolentino, motejador risonho e jovial; Rivarol, com o seu subtil e constante sorriso de moça; Byron, em risadas desdenhosas, e Heine, em frouxos de riso sarcastico.

N'uma evocação medieval rebenta facil e estrondosa a gargalhada de Cervantes, n'aquella figura de sonhador do heroe da Mancha, que nos arrasta o ouvido para os dissimulados murmúrios sorridentes, que abafam as palavras de amor nos labios do brilhante pagem, enamorado da grande dama heraldica de perfil byzantino



3—O sorriso da Bella Otero



1—O sorriso

2—Sorriso voluptuosos  
(Quadro de Bodenstein)

3—Um sorriso envolvente  
(Quadro de Epiridon)

distrahir senão a alegria de ser bella e ser amada, e estre-mece sobresaltada, ao sentir o tropear do cavallo e o sonido da armadura do seu senhor, cavalleiro esforçado, de pulso de ferro, que volta das pe-las com um riso triumphante a adejar-lhe nos labios sequiosos e empoceirados.

E entoando a sua romantica melopeia, felizes porque amam e porque são amados, surgem tambem redivivos ante o nosso sorriso extatico os ingenuos trovadores da Provença, modulando risos, nas doces palavras da sua lingua de oc, pelas Côrtes de Amôr.

#### CONFUSÃO ORGIACA DE RISOS

Do Caucaso chega ainda até nós em contorções sarcasticas o riso de Prometheu, abafado pelos gemidos e pelo ruido secco das pesadas cadeias que o immobilisam.

As collinas da Terra Santa guardam ainda o echo das ultimas risadas escarninhas, com que, do Monte das Oliveiras ao Calvarto, o povo da Judeia assignalou as passadas do Christo.

E Satan, das entranhas da terra, projecta a toda a hora nos labios perversos a sua casquinada sardonica, em crepitações vermelhas, em crepitações de fogo.

Atraz de um sorriso da Fortuna, caminha ha seculos a Humanidade,

emmoldurado em castos bandós. Com um sorriso inquieto, ella interroga preocupada o horizonte do alto dos torreões do sombrio castello onde vive enclausurada, não teendo para se

sem parar nem bem a poder alcançar, presa e distrahida como vae, coitada, pelo sorriso falso e diabolico da Tentação, que a ella a segue tambem.

E' o desespero que endoidece o riso na boca contorcida pela dôr; a estupidez que o fixa alvar n'uns beiços grossos e boçaes; a ternura que o aquece e sensualisa divinamente em uma linda bocca; e é a lagrima que se funde no sorriso que sublima um rosto de mulher.

E' o riso cruel que põe delicias no extactico perfil de Izabel de Bathory, aquella rainha da Hungria, si-

nistra e sanguinaria. E' o riso chocarreiro, de mistura com o alegre tilintar da gualteira, de lorch que acompanha o tragico sorriso do vulto sombrio do Hamlet, e é o cynico gargarhar que abala o peito de Scarpia, fazendo nascer nos labios aterrados da Tosca um sorriso feroz e assassino.

São as risadas des-preocupadas e frescas, que tinem como cristaes em boccas de romã, que põem reflexos de sol e palhetas de graça em faces juvenis; é o sorriso resignado que aureola o mortificado rosto das santas, e é o riso innocente e efusante das crianças que a nós nos communica um sorriso bom.

Uma criança que salta.  
Que canta, que ri e  
chora.  
E' uma risinha aurora  
Que o coação nos em-  
malla.





Já o disse assim o conde de Monsaraz.

Rir é lutar, é combater, é edificar, é destruir, é dominar, é vencer e é ser-se vencido, é gosar, é penar; mas é sentir, é vibrar — é viver!

Riamos, pois, que até o idiota tem o seu riso inconsciente; riamos, não com a insensibilidade estigmática do *Homem que ri* de Victor Hugo; não com aquele riso artificial do hypnotizado; não com a insanía dos mutilados musulmanos nas festas do Dossch no Cairo

ríamos o riso consciente, humano e natural, de fronte desmanueada, de animo leve e coração alegre.

Nada de cuidados a serio. Rir, rir de tudo, rir sempre e repetir com Béranger o estribilho da canção :

Riez-en avec moi.  
Oh ! pour rire  
Et pour tout rire  
Il n'est besoin, ma foi,  
D'un privilège du roi!

Mas perguntaremos ao *Viria Trágico*, de Julio Dantas, quem é o riso, enfim, e eis que elle nos responde :

Pis não sabeis quem sou?.....  
Sou dentro de vós e dou-me bem com-  
vosco!  
Heróico e folião, mas doloroso ás vezes,  
Sou casiro e veseiro em beijos portu-  
guezes.

E pensarmos que a vida de cada um de nós é uma tragedia irrisoria, uma lagrima afinal que faz rir os outros...

Vá! Pobre Humanidade, não deixes cair a mascara do teu riso folião de palhaço enfariadado.

Recalca bem no intimo da tua alma, as maguas que te opprimem, que te affligem, que te entristecem e fazem curvar a



fronte abatida; não as deixes transparecer, nem suspeitar, nem sequer adivinhar.

E' preciso que o mundo ria connosco para que não ria de nós e redobre a gargalhada, se atravez do riso contagioso presente os soluços que nos agitam o peito.

Que importa que o riso que nos faz rir seja falso ou sincero?

Que importa que seja Aristophanes quem aivella a mascara de Cléon ou Thespis que occulte a chorosa e livida face sob a pesada mascara de Comos?

Que importa que o riso que enruga a face e alarga até aos condylos a escura caverna de uma bocca, seja horrivel, se tambem nos faz rir?

Tão poucas vezes, elle irrompe, espontaneo e impulsivo, de uma verdadeira e grande alegria que nos inunde a alma, que a gente para levar a vida alegre tem de o aproveitar onde quer que o encontre.

E, resta-nos sempre o supremo riso da consciencia satisfeita com que Don Quixote pediu que o levassem a descansar:

Logo depois caiu no res-  
paldar do leite,  
Morto, tendo nos labios um  
riso de descrença.

CACILDA DE CASTRO.

1—O riso de Mariette Sully. 2—Olhos que riem.  
3—Hilaridade.

# O Chapéu d'este Inverno



Grandes? Pequenos?  
No principio de cada  
estação a curiosidade  
da mulher indaga logo  
nas montras e nos jor-  
naes de modas das di-  
mensões decretadas em  
Paris para o chapéu.  
Pois bem; este inver-  
no a moda hesita. E'  
indecisão ou evolução?  
Não sabemos. Mas a  
verdade é que, se não  
regressamos aos peque-







nos chapéus, é certo que os chapéus imensos acabam. Para chapéus pequenos são ainda grandes, mas a tendência para a diminuição das abas e das copas accentua-se. A grande voga parecem ser os chapéus pretos, de feltro ou velludo, sobrios de guarnições. Os feltros claros, côr de areia e de faia,

Falar na Moda equivale a fazer considerações sobre o acaso ou a querer legistar sobre o capricho.

com plumas de avestruz, são a ultima palavra da Moda para teatro. Se é que a Moda tem uma ultima palavra... Não é antes ella inconstante e voluvel, movediça como a areia cu a côr adoptou?



de 25<sup>m2</sup> e utiliza um motor Auzavé de 3 cylindros, 25-28 H. P., que move uma helice de 1<sup>m,90</sup> com 1.400 rotações por minuto. O peso total do apparelho é de 198k.

A *Illustração Portugueza* faz sinceros votos pelo definitivo exito do avidor portuguez, que tão ousadamente, confiado apenas na sua iniciativa, incluiu Portugal no numero dos paizes precursores da aviação aerea.

Póde dizer-se que não é muito, no estado actual da aviação, conseguir um vôo de biplano. Mas o sr. Gomes da Silva pretende muito mais, pois suppõe ter resolvido—o que as experiencias ainda não demonstraram—a estabilidade automatica do apparelho.

\*\*\*

FRANCISCO RANGEL DE LIMA.—No dia 31 do mez passado, com 70 annos de idade, morreu em Lisboa este illustre escriptor, vogal do Conselho de Arte Dramatica. Como poucos, Rangel de Lima personificou a gentileza romantica de uma época de que cada vez resta menor numero de representantes. Fôra um lindo rapaz e era um lindo velho. O seu enterro reuniu tudo quanto Lisboa tem de evidente na litteratura, na imprensa e na politica.



1—Rangel de Lima  
2—O biplano Gomes da Silva  
3—O sr. Gomes da Silva manobrando as alavancas do seu biplano

O BIPLANO GOMES DA SILVA.—No aerodromo de Issy-les-Moulineaux, realisou o sr. A. Gomes da Silva nos ultimos dias do mez passado as experiencias de um aeroplano de sua invenção, que ficará sendo, na ordem chronologica, o primeiro apparelho de aviação construido por um portuguez. O biplano Gomes da Silva tem 7<sup>m</sup> de envergadura por 6<sup>m,50</sup> de comprimento, com uma superficie





O ALGARVE PICTOESCO  
 •A PRAIA DA  
 •ROCHA•

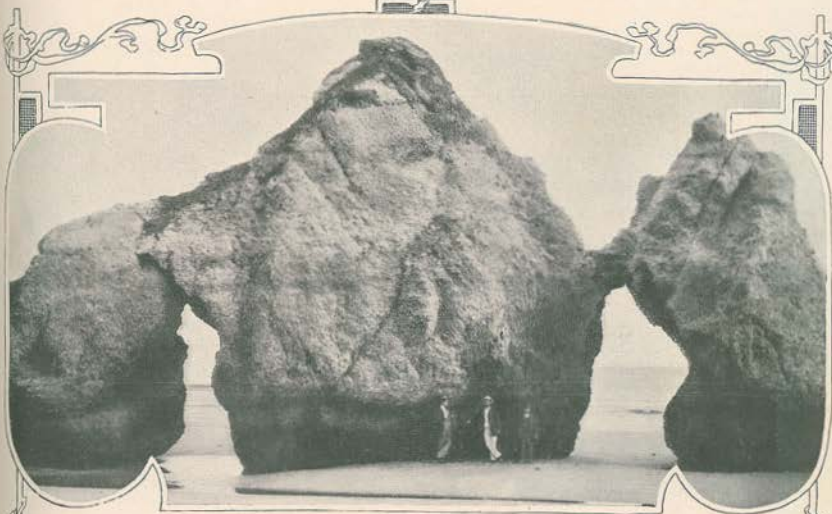


talvez chamar aqui Sorte á Natureza relembrando o passado longiuquo, tão caprichosa, injusta, inconstante, por ventura cega, é a sua divindade, espalhando, com sensível desigualdade e frequente variação, bens e males, successos prosperos e adversos, ora a estes, ora áquelles, ora em um tempo, ora em outro.

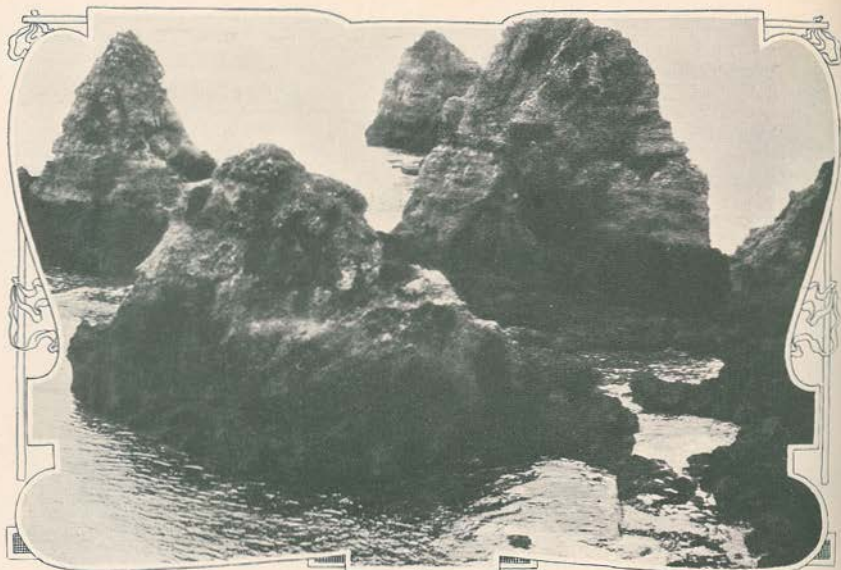
Banha-a um dos mais leais e mansos dos mares, que não enrolam nem fazem resaca e serve-a, sem alfaques, sem precipícios, a mais fina e doirada das areias, que não fere o pé mais aristocrata. Em taes condições hydrographicas verdadeiramente soberbas; em latitude que a poupa dos fogos do meio-dia e do terrível mistral, a Rocha,—se bem que ainda despida dessas bellezas architectonicas e commodidades es-

Tão bella como ignorada, tão vasta como despida de architectura, a Rocha brilha, a Rocha deslumbra, maravilha, não obstante a avareza dos homens, que sobresae cruel perante a Natureza que se mostra prodiga! Poder-se-ia

senciais que dão valor e relevo ás estancias balnearias—deve, num futuro mais proximo do que se imagina, ostentar firme e orgulhosa a corôa de rainha das praias portugêsas. Para isso lhe bastam suas vantagens e bellezas naturais.



1—O torreão da praia das Mêsas  
 2—Os tres ursos



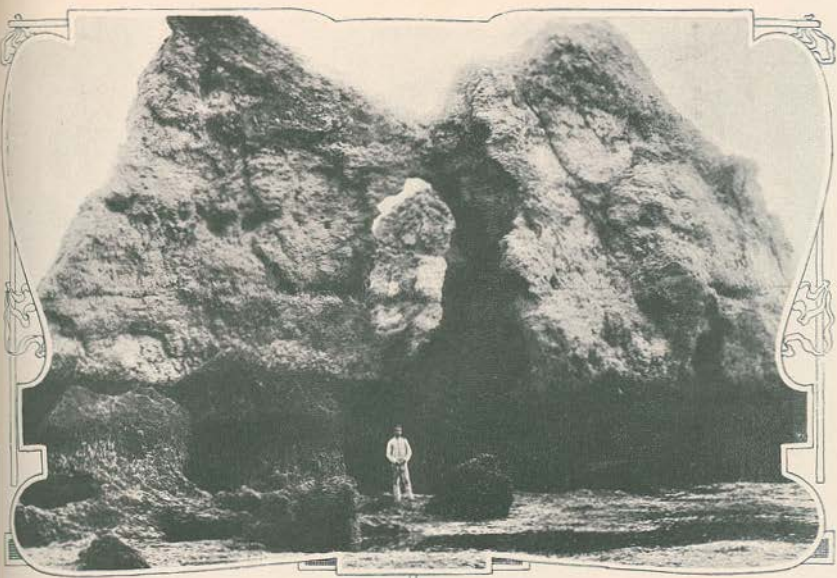
E' vê-la á hora do banho, abrigando em suas barracas naturais centenas de pessoas de todas

as idades e sexos, que sem sapatos como sem banheiro avançam afoitamente para o mar, para



1—A rocha João  
2—A cova da avó





esse mar admiravel, verdadeiro cordeiro com  
formas de leão!

E' vê-la em toda a sua grandeza, com seus  
largos povoados de grandes e caprichosos ro-



1—Os leichões  
2—Entrada da Rocha



chedos, quaes mastodontes desafiando as coleras do velho oceano.

E' vê-la ainda em todos os seus recantos, pesquisando furnas, lagos e poças onde vivem mil pequenos seres que se escondem ao menor ruído!

E' vê-la finalmente quando abalada e varrida pelo temporal e o mar avança em ondas temerosas, lentas, babosas, espalhando no ar humido a espuma branca de seus capellos!

E após a tormenta, como arrependido, como prêmio ao banhista mais sensível, semeia a praia de limos e



sargaços, occultando sob elles conchas e buzios de mil feitios, de mil côres, vermelhos uns, verdes outros, que brilham como rubis, como esmeraldas, todos luzentes como soes!

E n'este momento em que as dahlias do meu alegrete se mostram mal feridas da friagem das manhãs, ve has dos dias da tarde do anno, eu oiço a voz do velho Atlantico — voz que me vai direita ao coração — avisar, em rimas solennes de baixo profundo, o banhista retardado, de que é tempo de voltar para o povoado a retomar o fardo da vida, se elle não é dos ditosos.

Portimão, 20-x-09.

PISSEL.



1—Praia das Mésas. 2—A ponta João  
3—Uma fortaleza natural

(Clichés da phot. DIAS)



# LÁ POR FÓRA



**A PRIMEIRA APRENDIZ DE VID-ACEIRO**—O numero de officios abertos á concorrência da mulher augmenta todos os dias. Recentemente na Austria uma rapariga de 18 annos entrava como aprendiz n'uma officina de vidraceiro. Margarida Vohacik, assim se chama a joven operaria, pretendia adquirir a necessaria pratica do officio para dirigir a officina de seu pae que morrera de um desastre deixando a seu cargo a subsistencia de cinco irmãos menores, e hoje, na sua officina, já trabalham sob a sua direcção vinte raparigas a quem ella abriu generosamente um novo modo de vida, na independencia do homem.



**UM NUMERO SENSACIONAL DE CIRCO**—A celebre domadora de leões, madame Charles, está fazendo a admiracão dos publicos da Allemanha com o mais extraordinario dos *leups-de-force*. Atrelado com um cão, um enorme leão do Atlas puxa pacificamente um carro guiado pela domadora, que assim percorre a jaula, entre os applausos dos espectadores.

(Clichés de CH. DELJUS)



# O SR GENERAL DANTAS BARACHO EM ELVAS

vés da questão dos tabacos e da dictadura franquista, que á sua acção se pódem attribuir os grandes successos dos ultimos annos da politica portugueza. Valente, impulsivo e obstinado, dispondo de um forte prestigio popular, e tendo ainda a engrandecido uma vida sem maculas, depressa o combativo par do reino se tornou suspeito de entendimentos com o partido republicano, em cuja imprensa collaborava.

No *Povo de Aveiro*, o sr. capitão Homem

Christo, n'uma serie de artigos violentissimos, pretendeu lançar suspeições deshonrosas sobre o caracter do general ajudante de campo do rei, que accusava de manter uma dualidade politica incompatible com os preceitos da dignidade. O sr. general Dantas Baracho reclamou do ministerio da guerra o castigo do ofensor pelas suas injurias, e como demorasse a punição reclamada, obe-



Poucos homens alcançaram na politica portugueza contemporanea um logar de evidencia como o sr. general Dantas Baracho. Desligado dos partidos politicos quando ainda não haviam principiado a dissensão e a deserção nos grandes agrupamentos partidarios da monarchia, a sua liberdade de acção creou-lhe no parlamento uma situação excepcional, que elle soube aproveitar com rara pericia. Em opposição permanente com a orientação dos ministerios que se succediam no poder, o papel politico do ajudante de Rei como que passou a personificar o descontentamento da nação, iniciando na camara alta os primeiros combates parlamentares de um movimento que em breve, ajudado pelas circunstancias, ganhou uma intensidade opposicionista de tal ordem, atra-





decendo aos seus  
agrestes impulsos  
combativos desafiou  
como conniventes  
nas offensas do jor-  
nalista o presidente  
do conselho e o mi-  
nistro da guerra.

O seu desafio foi porém  
considerado um acto de in-  
disciplina, e o sr. general  
Dantas Baracho foi condena-  
do a um mez de inactivi-  
dade temporaria na praça  
de Elvas, ao mesmo tempo  
que o sr. capitão Homem  
Christo soffria a pena de  
prisão correcional, pelo es-  
paço de um mez, na forte-  
leza de S. Julião da Bar-  
ra.

Foram tiradas em Elvas,  
onde o sr. general Dantas



um pobre paiz, immolado  
às ambições e às brigas  
do políticos.



Baracho acaba de  
cumprir a pena dis-  
ciplinár que lhe

foi imposta, as inte-  
ressantes photographias  
com que a *Illustração*  
*Portuguesa* archiva um  
acontecimento que tudo  
deixa prever terá ainda  
sensacionaes consequen-  
cias, pois que infeliz-  
mente a politica portu-  
guesa parece ter-se re-  
duzido a uma sequencia  
esteril de incidentes, que  
cada vez mais excitam  
o nervosismo da opinião  
publica e mantem a

desorientação moral em que vivemos.  
Assim parece retardar-se todos os dias o  
advento d'essa era de concordia e de traba-  
lho, tão indispensavel para o renascimento de



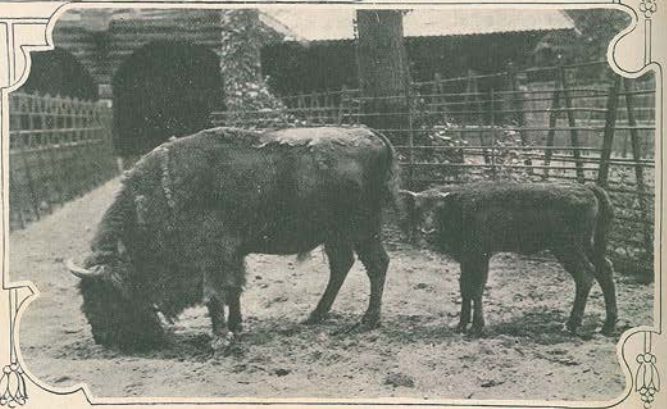
## OS QUE NASCEM NO EXILIO...

De ha muito que nos principaes jardins zoologicos da Europa se procuram os processos de obter a propagação dos animais exóticos, creando-lhes um simulacro dos meios de existencia primitivos. Devido a esses cuidados racionais, depois de longos e a principio infructiferos ensaios, chegou-se a conseguir finalmente o resultado desejado. As interessantes photographias que hoje publicamos, tiradas nos jardins zoologicos de Berlim e



realisavel, e em Londres varios casaes de phocas se tem propagado em numerosa descendencia. Reconheceu-se porém que nos grandes mamíferos a clausura atropiava a secreção do leite das mães, de onde derivava uma importante mortalidade nos animais recém-nascidos. E lançou-se mão do *biberon*. No jardim zoologico de Berlim essas experiencias foram coroadas do mais absoluto exito, tendo-se assim conseguido crear veados, phocas, pantheras e macacos.

de Schoenbrunn, representam um pequeno leão nascido em Berlim alimentado por uma cadella, um pequeno camello natural... da Austria e um bufalo asiatico nascido... nos arredores de Vienna. Por mais bizarras que á primeira vista possam parecer estas procedencias, ellas são devidamente autenticadas por certidões de nascimento em regra. Em Schoenbrunn obteve-se recentemente a propagação do elephante, por muito tempo considerada ir-



1.—Um pequeno leão amamentado por uma cadella. 2.—Um camello nascido... nos arrabaldes de Vienna d'Austria  
3.—Um bufalo asiatico... natural de Schoenbrunn. —(Clichés de CH. DELIUS)



**Madame**

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

**Brouillard**

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez. É incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chronica, chronologia e physioogia e pelas applicações practicas das theorias de Gail Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fallo portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

**Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:**

**RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA**

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



**GRATIS**  
**125 machinas fallantes**

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente **GRATIS** estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX**.

**BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.**

**J. CASTELLO FRANCO**

Rua do Socorro, 48 R. de Santo Antão, 32 e 34 LISBOA

**Agencia de Viagens**



**R. Bella da Rainha, 8-LISBOA**

**ERNST GEORGE**

**SUCCESSORES**

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens o reolutorias a preços recuzidos na Franca, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo  
Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotels.

**VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA**

**EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL ANEMIA CÔRES PALLIDAS CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO Elixir de S. Vicente de Paula**

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL, CAMEL & DELIGANT, Rua dos Sapalheiros 18, 1. LISBOA  
Em preço e franco franco porte em todo Portugal  
FRUILLÉ, flare\*, 2, Faubr 8-Dente, PARIS

**COMPREM AS Sedas Suissas**

Peçam as amostras das nossas Sedas em preto, branco ou côr, Coliense, Cachem re, Shanghai, Duchesse, Grèpe de Chine, Gótie, Massalno, Musselino, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, blusas, etc., assim como as blusas e vestidos bordados em batiste, lã, seda e seda.

Vendem-se as nossas sedas garantidas e directamente aos consumidores — francos de porte e domicílio.

**SCHWEIZER & C.º**  
Lucerne E II. (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedora da Corte Real

**PRINCIA**  
 Nouveau Parfum VIOLET  
 20, B<sup>º</sup> DES ITALIENS — PARIS



PARA ENCADERNAR A

**Illustração Portuguesa**

Já está a venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da **Illustração Portuguesa**. **PREÇO 360 RÉIS.** Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pede ser remetida em vale do correio ou selias em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicias respectivos. **Adm n's'ração do «Seculo» Lisboa**

**BAUMÉ BENGUÉ**

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO  
GOTA  
NEURALGIAS**

D<sup>º</sup> BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias



O MELHOR ALIMENTO  
É O  
**GRAPE-NUTS**

Alimento moderno para crianças e adultos. A melhor e mais leve alimentação para ser tomada ao almoço, ao lunch e à ceia. Todas as pessoas que tem excessivo trabalho intelectual devem tomar este precioso preparado alimentar. Não precisa ser cozinhado. **Vende-se em pacotes de 300 reis. Pedir em toda a parte.** Elle vos reconstituirá as forças perdidas, dando-vos idéas novas, boa disposição e melhores digestões.

**PRISÃO DE VENTRE**

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar) é a **CASCARINE LEPRINCE**.  
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula

**Concurso de 1909**

4 coupons



4 coupons

A SURPREZA QUE "O SEculo" PROMETTEU AOS COLLECIONADORES DE COUPONS DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA



Ao prometter **surpresas e vantagens** aos seus concorrentes do **Concurso de 1909**, O *Seculo* disse que os concorrentes da *Ilustração Portuguesa* participariam tambem d'estas **surpresas**.

Esta promessa cumpre-se hoje, publicando a *Ilustração Portuguesa* quatro coupons.

O ultimo coupon dos necessarios para preencher a caderneta respectiva, publicou-o a *Ilustração Portuguesa* no seu ultimo numero. Ao offerecer hoje

estes quatro coupons aos colleccionadores, tem a *Ilustração Portuguesa* em vista proporcionar aos colleccionadores a quem faltem alguns coupons, a facilidade de completarem as suas cadernetas.

A's pessoas a quem tenham sobrado coupons das cadernetas que encheram, lembra a *Ilustração Portuguesa* que os poderão utilizar, aproveitando as vantagens que offerece a caderneta

**Modelo n.º 4.**